QUINTA MUSICAL: UM ESPAÇO ESTRATÉGICO DE PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR ESCOLAR NO CPM LOBATO

Marcus Alves de Santana[1]
Paulo Cesar Rodrigues Fernandes[2]
Delor Gerbase Gramacho[3]

Eixo 2 – Formação de professores/as, Saberes e Fazeres docentes na Educação Básica e necessidades socioeducativas contemporâneas

Resumo

Este estudo apresenta a Quinta Musical, projeto de extensão desenvolvido no Colégio da Polícia Militar do Lobato (Salvador/BA), que transforma os intervalos das aulas em espaço formativo, cultural e colaborativo. Parte-se da questão: de que forma a música pode promover experiências educativas mediadas por tecnologias digitais no cotidiano escolar? A justificativa baseia-se na valorização da escuta, da expressão e dos repertórios juvenis como alternativa ao uso isolado de telas. A proposta entende a música como linguagem expressiva, tecnológica e coletiva, capaz de gerar pertencimento, bem-estar e reinvenção do espaço escolar. A metodologia adota oficinas musicais em três etapas: preparação (repertório e ensaio), análise (avaliação coletiva) e execução (apresentação). A fundamentação teórica apoia-se em Larrosa, Swanwick e Milton Santos. Os resultados apontam que, ao protagonizarem o processo criativo com mediação tecnológica, os estudantes ressignificam o espaço escolar, transformando-o em território de convivência, escuta e expressão.

Palavras-chave: Quinta Musical. Tecnologias digitais. Espaço escolar. Apresentações musicais.

Introdução

A Quinta Musical é um projeto de extensão do Colégio da Polícia Militar do Lobato (Salvador/BA) que transforma os intervalos das quintas-feiras em espaço formativo, cultural e colaborativo. Envolvendo estudantes, professores e funcionários, promove apresentações musicais — espontâneas ou organizadas — com canto, instrumentos, improvisações, dança e rodas de conversa, fortalecendo a convivência, a expressão artística e o pertencimento.

[1] Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Mestrando em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC); marcussantanauneb@gmail.com.
[2] Colégio da Polícia Militar do Lobato; Graduado em Educação Física; pfernandeslazer@gmail.com.
[3] Colégio da Polícia Militar do Lobato; Mestre em Sociologia; delorgerbase@hotmail.com.

ISSN 2674-7227

Esta prática, nessa configuração, teve início em 2025, com a iniciativa dos professores Delor Gerbase (Filosofia), Paulo Fernandes (Educação Física) e Marcus Santana (Filosofia), com o apoio das direções Pedagógica e Militar. Esses professores formam uma banda fixa, tocando, respectivamente, cajón, violão e baixo. A proposta foi materializada com a participação ativa de estudantes do Ensino Médio, que contribuem cantando e tocando instrumentos, além da colaboração de uma psicopedagoga e, eventualmente, de outros docentes, funcionários e membros da comunidade escolar.

A proposta justifica-se pela necessidade de promover práticas culturais que valorizem a escuta, a expressão e os repertórios juvenis, oferecendo alternativas ao uso isolado de telas nos momentos de pausa. A iniciativa está alinhada à Lei nº 15.100/2025 e à Resolução CNE/CEB nº 2/2025, que incentivam ações voltadas à saúde mental e à socialização escolar. Também dialoga com o Decreto nº 12.385/2025, que orienta o uso consciente da tecnologia com foco na escuta, no acolhimento e na mediação pedagógica.

Embora o uso do celular em sala de aula seja restringido por normas institucionais, durante a Quinta Musical os estudantes se apropriam desses dispositivos de forma criativa — acessando cifras, ouvindo bases, gravando vídeos e ensaiando performances. Longe de representar um obstáculo, essa apropriação torna-se aliada na construção de sentidos musicais. Como destaca Nascimento (2023, p. 50), "pensando na imaterialidade da tecnologia, o estudante se vê distante desse conceito, o que é prejudicial à potencialização de sua criatividade tecnológica [...]". Ressignificar a tecnologia como experiência sensível e acessível torna-se, assim, essencial para que os estudantes se reconheçam como sujeitos criadores. Como afirma Santos (2006, p. 24), "o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos", indicando que a configuração do ambiente — inclusive aquele mediado tecnologicamente — influencia diretamente as práticas que nele se realizam.

A diversidade de estilos — como MPB, samba, gospel e pop — expressa os repertórios afetivos da comunidade escolar e valoriza a pluralidade cultural. Ao estimular o protagonismo estudantil e o diálogo horizontal com professores e gestores, a atividade contribui para uma escola mais democrática e atenta às experiências juvenis. A música, enquanto linguagem expressiva, tecnológica e coletiva, é capaz de reinventar o espaço escolar como território formativo. "A música promove a interação social, a ampliação do vocabulário e a troca de experiências entre colega - colega, aluno - professor. Todos estão inseridos no contexto no qual

ISSN 2674-7227

a música atua como uma linguagem facilitadora do diálogo, cultura e satisfação ao adquirir novos conhecimentos" (Achilha, 2024, p. 633).

A prática musical parte do pressuposto de que a música, mediada por tecnologias digitais, é uma linguagem capaz de reinventar o espaço escolar. Essa abordagem alinha-se ao modelo C(L)A(S)P, de Keith Swanwick, que propõe cinco parâmetros no ensino musical: Composição, Estudos acadêmicos, Apreciação, Aquisição de habilidades e Performance (Madureira, 2019, p. 141). A proposta prioriza três deles — composição (preparação do repertório), apreciação (análise coletiva) e performance (apresentações) —, adaptando-os a um contexto de intervenção artística e uso crítico da tecnologia.

O objetivo da ação é proporcionar aos estudantes uma experiência formativa, coletiva e sensível, em que a criação musical e a convivência se apresentem como alternativas ao uso passivo das telas. Parte-se da compreensão de que a música, mediada por tecnologias digitais e pela escuta entre pares, pode promover pertencimento, bem-estar e a reinvenção do cotidiano escolar.

Com base na concepção de experiência desenvolvida por Jorge Larrosa, entende-se que "valorizamos a experiência como um componente fundamental da formação e da transformação, já que o sujeito da experiência é aquele que está sempre aberto para sua própria transformação, reafirmando que ao passo que se vivencia, se forma e se transforma" (Larrosa, 2002, p. 25, apud Lima; Andrade, 2022, p. 25). Essa perspectiva fundamenta a escolha pela oficina musical como metodologia ativa, ao compreender o fazer musical como prática sensível, coletiva e em permanente reinvenção.

Metodologia

A oficina musical fundamenta-se na concepção de experiência de Larrosa (2002), que compreende o processo educativo como uma abertura à transformação, articulada à perspectiva de Milton Santos (2006) sobre o espaço como construção social mediada pela tecnologia. Esses referenciais dialogam com o modelo C(L)A(S)P de Swanwick (1994), que estrutura a prática musical em composição, performance e apreciação crítica. Essa integração teórica sustenta a proposta metodológica da Quinta Musical, alinhada ao Documento Curricular Referencial da Bahia (2022) ao promover vivências colaborativas que valorizam saberes culturais e incentivam o protagonismo estudantil por meio da música e das tecnologias digitais. Seguindo essa perspectiva, a oficina se organiza em três etapas:

ISSN 2674-7227

Etapa 1 – Composição: Inclui a escolha do repertório, formação dos grupos, ensaios e ajustes musicais, com apoio de aplicativos e gravações. Os estudantes organizam arranjos, exploram mudanças de tonalidade e definem participações, articulando criação coletiva e mediação tecnológica.

Etapa 2 – Apreciação: baseia-se na análise dialogada de vídeos das músicas a serem executadas, com o auxílio de celulares e computadores. Os participantes avaliam aspectos técnicos e expressivos, sugerem adaptações e desenvolvem a escuta crítica.

Etapa 3 – Performance: Ocorre no pátio escolar e envolve a preparação do espaço, dos equipamentos e a apresentação pública. As performances incluem canto, instrumentos, improvisações e dança, promovendo convivência, expressão e pertencimento.

Embora não enfatize os eixos de Estudos acadêmicos (L) e Aquisição de habilidades técnicas (S), o projeto os ressignifica ao incorporar tecnologias digitais ao processo criativo, como o uso de aplicativos musicais e gravações.

Resultados e discussões

Os resultados indicam que a Quinta Musical, ao integrar composição, performance e apreciação, aproxima-se do modelo C(L)A(S)P de Swanwick (Madureira, 2019), com uma diferença fundamental: a mediação tecnológica. Enquanto Swanwick privilegia a performance presencial, o projeto demonstra que celulares e gravações ampliam os parâmetros de criação e escuta, tornando-os mais acessíveis. Essa abordagem tensiona normas escolares tradicionais, mas reforça a música como linguagem de pertencimento.

Nesse contexto, é o espaço — produzido coletivamente no ambiente escolar — que redefine os objetos técnicos, mesmo com suas vocações originais, ao inseri-los em um conjunto coerente, em que a proximidade exige que atuem de forma integrada. Essa reflexão aproxima-se da ideia de Simondon (1958), conforme citado por Santos (2006, p. 24), sobre a naturalização do objeto concreto, ou seja, sua completa imersão no meio que o acolhe — processo que ele denomina de adaptação-concretização. É assim que se forma o que o autor chama de meio tecnogeográfico, possível, segundo ele, pela inteligência humana, que atua por uma função inventiva de antecipação — ausente tanto na natureza quanto nos objetos técnicos já constituídos (Simondon, 1958, apud Santos, 2006, p. 24).

Embora recente e ainda em fase de consolidação, a atividade já se apresenta como uma prática educativa potente, capaz de desafiar normas disciplinares e curriculares ao integrar desejos, linguagens e tecnologias ao cotidiano escolar. Mais do que uma ação cultural pontual,

ISSN 2674-7227

trata-se de um exercício contínuo de escuta sensível e reinvenção do espaço escolar como território de criação, cuidado e convivência. Em vez de se limitar ao controle do uso de telas, a proposta fomenta práticas vivenciais, transformadoras e inclusivas, em que música e tecnologia caminham juntas na construção do bem-estar e do sentimento de pertencimento.

Considerações finais

A Quinta Musical consolida-se como estratégia pedagógica inovadora ao articular música, tecnologias digitais e convivência na reinvenção do espaço escolar, transformando-se em território formativo vivo que acolhe repertórios juvenis e os converte em experiências significativas de aprendizagem. Os resultados demonstram que a integração entre a teoria do espaço como construção social (Santos, 2006), a concepção de experiência como transformação (Larrosa, 2002 apud Lima; Andrade, 2022) e o modelo C(L)A(S)P (Swanwick, 1994) possibilitou: (1) a ressignificação pedagógica das tecnologias digitais, (2) a reconstrução do espaço escolar como ambiente de criação e (3) o fortalecimento do protagonismo discente.

Nesse processo, conforme destacou Freire (1992, p. 133), "o que me parece fundamental para nós, hoje, [...] é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia. Nem, de um lado, demonologizá-la, nem, de outro, divinizá-la". A proposta da Quinta Musical materializa esse equilíbrio ao converter dispositivos tecnológicos em ferramentas de expressão musical coletiva, criando um espaço geotecnológico (Simondon, 1958 apud Santos, 2006) onde a música se constitui como linguagem integradora - promovendo pertencimento, ressignificando práticas e respondendo às demandas por uma educação mais democrática.

Como encaminhamentos, recomenda-se: (a) a expansão da iniciativa para outros contextos educativos, (b) a formação continuada de educadores na interface entre arte e tecnologia e (c) o desenvolvimento de pesquisas longitudinais que avaliem os impactos do projeto no desenvolvimento integral dos estudantes. Dessa forma, reforça-se o potencial transformador da Quinta Musical como prática educativa inovadora e atual.

REFERÊNCIAS

ACHILHA, Rebeca Lopes. **Práticas do cotidiano escolar: desafios e possibilidades na linguagem musical**. *Revista Mais Educação*, São Caetano do Sul, v. 7, n. 4, p. 631-643, jun. 2024. Disponível em: https://www.revistamaiseducacao.com/sumario-v7-n4-2024. Acesso em: 17 jun. 2025. DOI: https://doi.org/10.51778/2595-9611.v7i4.

BAHIA. **Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio**. 2. ed. Salvador: Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 2022.

BRASIL. **Decreto nº 12.385, de 18 de fevereiro de 2025**. Regulamenta a Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025, para proibir o uso de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais por estudantes durante aula, recreio e intervalo em todas as etapas da educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 fev. 2025. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2025/decreto-12385-18-fevereiro-2025-796954-publicacaooriginal-174401-pe.html. Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025**. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 13 jan. 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2025/Lei/L15100.htm. Acesso em: 24 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 21 de março de 2025**. Institui diretrizes operacionais nacionais sobre o uso de dispositivos digitais em espaços escolares. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 mar. 2025. Seção 1, p. 34. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/ceb-n-2-de-21-de-marco-de-2025-619301726. Acesso em: 24 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIMA, Deyvison; ANDRADE, Antonia Cristiana. **Experiência e escola para Jorge Larrosa**. *Problematá – Revista Internacional de Filosofia*, Ilhéus, v. 13, n. 1, p. 24–42, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.7443/problemata.v13i1.59877. Acesso em: 18 jun. 2025.

MADUREIRA, José Rafael. **O modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick no contexto de ensino de dança**. *Repertório*, Salvador, v. 22, n. 33, p. 137-157, 2019. DOI: https://doi.org/10.9771/r.v0i33.32011. Acesso em: 17 jun. 2025.

NASCIMENTO, Priscila Lopes. **Geotecnologias e a ressignificação da cartografia no estudo do lugar: construção do Atlas do Lobato**. 2023. 144 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, Salvador, 2023. Orientador: Prof. Dr. José Antonio Carneiro Leão.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Cláudia Savaget. São Paulo: Artmed, 1994.

ISSN 2674-7227